



VENEZUELA

Delcy discute transição com a CIA

Presidente interina recebe em Caracas o diretor da agência norte-americana de inteligência. Um dia depois de se reunir com Donald Trump na Casa Branca, líder opositora se diz pronta para assumir o governo “quando for a hora”

» SILVIO QUEIROZ

Uma reunião entre a presidente interina da Venezuela, Delcy Rodríguez, e o diretor da Agência Central de Inteligência (CIA) dos Estados Unidos, John Ratcliffe, enviado a Caracas pelo presidente Donald Trump, foi o bastante para a líder opositora María Corina Machado afirmar, em Washington, que seu país deu início “a uma verdadeira transição para a democracia”. Um dia depois de ter se reunido com Trump na Casa Branca, onde entregou ao anfitrião a medalha que recebeu como laureada com o prêmio Nobel da Paz, María Corina não fez segredo, ontem, sobre seus planos políticos: “Acho que serei eleita (presidente) quando o momento certo chegar”.

Coube a uma fonte do governo Trump comentar sobre o encontro de Ratcliffe com Delcy, vice de Nicolás Maduro, empossada como governante em exercício horas depois de o presidente ter sido capturado por um comando de elite norte-americano, em plena capital venezuelana, e removido com venda e algemas para Nova York. Lá, enfrentará julgamento por crimes relacionados ao “narcoterrorismo”. A própria interina, na véspera do encontro, tinha conversado por telefone com Trump — entre outros assuntos, para discutir uma possível visita a Washington. “Se eu tiver que ir, irei de cabeça erguida, não rastejando”, assegurou depois do telefonema.

A presidente interina e o diretor da CIA “conversaram sobre as possíveis oportunidades de colaboração econômica, assim como sobre o ponto de que a Venezuela não pode continuar sendo um santuário para os adversários dos EUA, especialmente os narcotraficantes”, disse à agência de notícias France-Presse (AFP) um alto funcionário da Casa Branca. “O doutor Ratcliffe foi à Venezuela, seguindo instruções do presidente, “para transmitir a mensagem de que os EUA buscam melhorar as relações de trabalho” com as autoridades de Caracas.

Federico Parra/AFP



Delcy Rodríguez discursa para a Assembleia Nacional, de maioria chavista: negociações em andamento com Washington

“Ela não está confortável, está seguindo ordens”, comentou a dirigente opositorista, no primeiro encontro com a imprensa desde que se reuniu com Trump. Ela situou a reunião entre a adversária e o diretor da CIA no âmbito de um “processo complexo”, iniciado com a operação militar fulminante da madrugada de 3 de janeiro, em Caracas. “Se algo ficou demonstrado, ali, foi que tinha de haver uma ameaça real” ao regime chavista, argumentou. “Quero garantir ao povo venezuelano que a Venezuela será livre, e que isso será conseguido com o apoio dos EUA e do presidente Donald Trump”, reforçou.

“Lembrete”

A apreciação de María Corina sobre os últimos desdobramentos da crise venezuelana coincidem com a avaliação feita ao **Correio**



Foi uma visita disciplinar, uma espécie de lembrete sobre como e quando eles devem fazer as coisas”

Orlando Vieira-Blanco, cientista político venezuelano

pelo cientista político e advogado Orlando Vieira-Blanco, colunista do jornal antichavista *El Universal*. O analista classificou a viagem de Ratcliffe a Caracas como “uma visita disciplinar, para passar em revista o que os EUA esperam desse governo de transição, uma espécie de lembrete sobre como e quando eles devem fazer as coisas”. Na sua visão, não se tratou de uma visita diplomática, mas de “um ajuste de agendas”.

Quanto ao encontro na Casa Branca, Vieira-Blanco acredita que a líder opositorista saiu da mansão presidencial norte-americana “mais bem colocada como personagem fundamental, não apenas na transição política, mas no milagre venezuelano”. O comentarista político acredita que o encontro permitiu a Trump “conhecer melhor, cara a cara, o drama dos venezuelanos”. Citou, em especial, “as crianças, os

idosos e aposentados, os presos políticos e as vítimas de crimes de lesa-humanidade” que atribui ao regime liderado por Maduro.

Também María Corina deu ênfase à libertação dos opositores presos como parte essencial da transição. “O regime está obrigado a se desmantelar, e isso requer que os prisioneiros deixem o cárcere”. Ela deu pouca importância ao fato de que Trump, inicialmente, pareceu preterir-la, como alternativa para a transição, em favor de um entendimento com Delcy. “Não se trata de alguma tensão, ou uma decisão [(de Trump) entre ela e eu], afirmou. “O assunto é entre um cartel (de narcotráfico) e a Justiça (dos EUA)”. A líder opositorista voltou a assegurar que prepara o retorno ao país, quando julgar adequado: “Voltarei à Venezuela assim que possível. Não sou só eu, mas milhões de venezuelanos”.

Ministro relata 47 baixas

O ministro da Defesa da Venezuela, Vladimiro Padrino, confirmou ontem que 47 efetivos da Força Armada Nacional Bolivariana (FANB) morreram no ataque norte-americano contra Caracas e cidades adjacentes, no último dia 3, que incluiu o bombardeio de instalações militares e culminou com a captura do presidente Nicolás Maduro. “Aí estão 47 homens e mulheres das FANB. Nove mulheres, entre eles, que deram a vida pela pátria”, afirmou durante uma missa em homenagem às vítimas da ação. Padrino mencionou um total de 83 mortos, incluindo 32 militares cubanos que integravam o corpo de segurança de Maduro, além de 112 feridos — entre eles, civis venezuelanos.

“O que fizeram nossos homens e mulheres diante da agressão militar? Deram a sua vida, cumpriram seu dever para com a história, para com a pátria”, elogiou o ministro, que comanda a pasta da Defesa desde 2014. O Exército venezuelano havia publicado na semana passada, em sua conta no Instagram, notas fúnebres sobre 23 militares mortos: cinco alunos da escola militar, 16 sargentos e dois soldados.

A presidente interina, Delcy Rodríguez, que é vice de Maduro e a primeira na linha de sucessão, assumiu o posto horas depois do ataque. Ela decretou sete dias de luto nacional pelas vítimas da operação militar norte-americana. O poderoso ministro do Interior, Diosdado Cabello, informou que as autoridades trabalham na identificação de “restos humanos” encontrados após a fulminante investida, na qual foram utilizadas cerca de 150 aeronaves, entre aviões, helicópteros e drones.

Informações vazadas por fontes militares dos EUA sugerem que o comando de elite que capturou o presidente surpreendeu o seu esquema de segurança depois de um ataque cibernético ter neutralizado as defesas aéreas venezuelanas e permitido o avanço para o local onde ele dormia com a mulher, Cilia Flores, em uma base militar próxima à capital.

Conexão diplomática



silvioqueiroz.df@gmail.com

Política externa no caminho das urnas

Começa oficialmente, para o Planalto, a temporada de caça aos troféus diplomáticos cobiçados para o ano de campanha pela reeleição. Estava prevista para hoje, em Assunção, a assinatura do acordo comercial entre Mercosul e União Europeia. De ambos os lados, a expectativa é de que se conclua ainda no primeiro semestre os trâmites de ratificação. Sendo assim, quando o Brasil for às urnas, em outubro, já estará em andamento a implementação das medidas — principalmente, a redução progressiva e recíproca de tarifas de importação — destinadas a estabelecer

um mercado comum com 720 milhões de consumidores potenciais. Trata-se da versão emendada do documento que chegou a ser firmado em 2019, mas que empacou na etapa de revisão — do lado europeu, onde Emmanuel Macron comandou as resistências, sob pressão máxima do agro francês. Pelo lado de cá, é esse mesmo setor aquele que mais ganha com o acordo, e logo de saída.

Pela ótica da estratégia eleitoral, ver em marcha, por fim, a maior área de livre-comércio do mundo, depois de um quarto de século em rodadas intermináveis

de negociações, é uma espécie de prêmio extra para o presidente Lula. Empenhado pessoalmente em bater o martelo, desde os primeiros dois mandatos, ele contou com o empurrão final de outro processo do qual sai vencedor, até aqui.

O tarifaço de Donald Trump, contornado com os concursos da “química” pessoal, foi decisivo para convencer a maioria necessária, entre os 27 países-membros da UE, de que era este o momento de fechar o jogo com o Mercosul.

Pai da criança

Por essas e por outras, Planalto e Itamaraty desenharam com detalhes a coreografia para a assinatura do acordo. Lula se projeta como artífice e planejava a cerimônia para a cúpula de dezembro, em Foz do Iguaçu, onde se encerrou a

presidência brasileira do bloco. Agora, preferiu declinar o convite feito de última hora pelo colega paraguaio, Santiago Peña, que assumiu o posto rotativo, e mandar para Assunção o chanceler Mauro Vieira.

O presidente, na verdade, antecipou-se e recebeu ontem, no Rio, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, e o do Conselho Europeu, António Costa. Terá, com eles, o reconhecimento a ser exibido, oportunamente, na corrida pelos votos.

Tudo a dedo

Cuidados igualmente detalhados cercaram a manifestação oficial do Brasil sobre dois episódios críticos que roubaram a cena na frente externa, neste início de ano.

Primeiro, foi a operação militar, orquestrada por Trump, que resultou na

captura do presidente da Venezuela, Nicolás Maduro. No mesmo dia, o presidente postou nota na qual mencionava o país vizinho - mas não o presidente - e criticava a interferência externa na região, sem dar nome ao autor. Foi apenas adiante, em reunião de emergência da OEA, que o embaixador brasileiro no organismo usou a palavra “sequestro” para definir o ato.

Na semana que se encerra, o padrão se repetiu no comunicado do Itamaraty sobre os distúrbios no Irã. O texto, em que cada palavra foi escolhida a dedo, lamenta a morte de manifestantes no confronto com as forças de segurança, mas não cita números nem se refere diretamente ao regime islâmico de Teerã. Pede moderação, mas omite qualquer alusão às repetidas ameaças de Trump de atacar o arquirrival dos EUA no Oriente Médio.

Arroz de festa

Não por coincidência, Venezuela e Irã frequentam a agenda das disputas pelo Planalto desde a primeira eleição de Lula, em 2002. A incidência dos temas de política externa, nas campanhas, cresceu acompanhando a presença do país no cenário eleitoral, a cada ano mais intensa.

Neste ano, a oposição de direita terá material farto para repisar a ideia de que o presidente e o PT “flertam com ditaduras”. Para o campo governista, o antidoto ao alcance, pelo menos por ora, é o trânsito conseguido com a Casa Branca — justamente quando o bolsonarismo apostava as fichas na amizade do ex-presidente e dos filhos com Trump e seu entorno.

Nos cálculos de ambas as partes, o andar da carruagem nas relações bilaterais com Washington será uma variável de peso.